

Robert S(trange) McNamara (junho de 1916 a julho de 2009): a ascensão imperfeita da tecnocracia

*Robert S(trange) McNamara (June, 9, 1916 – July 6, 2009):
the imperfect ascension of the technocracy*

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES*

Meridiano 47 n. 109, ago. 2009 [p. 3 a 5]

No presente ano se assistiu à derrocada parcial de um dos setores mais tradicionais da economia norte-americana: o automobilístico. No século passado, o segmento havia proporcionado ao país boa parte de seus avanços tecnológicos e de suas inovações administrativas, tendo-se tornado um dos principais marcos da eficiência do modelo estadunidense perante o mundo, principalmente no período da Guerra Fria.

De modo geral, os seus dirigentes eram considerados os mais habilidosos nos processos de renovação técnica, síntese da expressão de capacidade de sobreviver às constantes alterações nos mercados mundiais. Junto com os do ramo petrolífero e do armamentista, eles compunham a tríade político-econômica mais importante dos Estados Unidos.

Assim, a interação com o Estado era freqüente, de sorte que vários executivos, ao atingirem o topo em suas carreiras, migrariam temporariamente para o exercício de altas funções públicas. Nos anos 60, um deles foi Robert S. McNamara, então presidente da Ford, estimado, por muitos, como o símbolo-maior da tecnocracia americana.

Egresso de Harvard, onde efetivou os seus estudos de pós-graduação, McNamara assumiu a titularidade do Departamento de Defesa a convite de John Kennedy, vencedor do pleito presidencial de novembro de 1960, ao sobrepor-se ao republicano Richard Nixon, candidato da situação, por pouco mais de meio por cento dos votos.

A estreita margem na eleição influenciou os democratas a intensificar algumas diretrizes da adminis-

tração pretérita. Isto significou, por exemplo, manter o mesmo posicionamento relativamente a Cuba, isto é, a aversão política em função do nacionalismo do novel governo em Havana, mas indo além do repúdio diplomático.

Na prática, a rejeição aos novos dirigentes cubanos resultou no apoio norte-americano a um golpe de Estado, a partir da invasão da ilha por mercenários arregimentados por membros da administração deposta. A tentativa de retomada de poder foi frustrada rapidamente, com desgaste substancial da imagem da Casa Branca. Na gestão do Presidente Eisenhower, a Agência Central de Espionagem (CIA) havia parcialmente financiado e treinado estes combatentes.

Contudo, Cuba não seria a ação mais desairosa da gestão dos democratas naquele período, mas sim a Guerra do Vietnã, momento em que ainda se acreditaria que o planejamento e a execução de um conflito se assemelhariam, em linhas gerais, ao de uma linha de produção de uma grande empresa. A ação em escala industrial levou as forças armadas a optar por bombardeios e fogos de artilharia maciços, em áreas habitadas inclusive.

O fascínio por uso de computadores e modelos gerou a convicção de que havia a possibilidade da impessoalidade na execução de determinadas ações, ao desconsiderar-se o ambiente em que elas seriam aplicadas. Isto foi fatal para o insucesso do Pentágono.

Um incidente ocorrido no golfo de Tonquim, em agosto de 1964, serviu de justificativa para um conflito que em seu auge (1968) teria mais de meio milhão

* * Professor do Departamento de História da Universidade de Brasília (arraes@unb.br).

de jovens americanos no sudeste asiático. Destaque-se que o massacre de centenas de civis, em sua maioria composta de mulheres, crianças e idosos, em My Lai ocorreu em março do mesmo ano, conquanto tenha sido acobertado pelo governo por muitos meses.

A justificativa para tamanha intensidade havia decorrido da formulação da teoria do dominó anos antes, por meio da qual se um país descambasse para o comunismo, os seus vizinhos posteriormente também poderiam.

Naquela altura, o próprio McNamara havia adquirido a consciência da falibilidade de suas concepções no campo militar, porém a Casa Branca considerava não ter outra opção, a não ser a vitória a todo custo. Desta maneira, ele solicitaria a sua exoneração do cargo. Em sua visão, a guerra assimétrica não podia ser vencida apenas com a intensificação de ataques aéreos e com o envio de mais tropas.

Lembre-se que, ao chegar ao Departamento de Defesa, McNamara não lamentou a sua falta de experiência militar. Como contrapartida imediata, ele propôs a implementação no Pentágono dos mesmos parâmetros de administração aplicados na área privada em que havia obtido largo êxito.

Embora o excesso de autoconfiança – a chamada liderança agressiva mencionada logo de início por McNamara à frente de seu ministério – da equipe de Kennedy fosse visível, a classe média norte-americana – e mesma a Ocidental – deleitava-se com a juventude e elegância da Camelot democrata.

Esta arrogância teria simbolicamente como marca o fato de que nenhuma grande potência – nem mesmo a Grã-Bretanha – dignou-se a enviar tropas para o Vietnã, o que mesmo assim não desencorajaria a Casa Branca.

The Best and the Brightest foi o título de um famoso livro do jornalista David Halberstam, de 1972, sobre os principais nomes da burocracia daquele tempo envolvidos na concepção e execução da Guerra do Vietnã. Eles pareciam acreditar em uma transformação marcante do país sob a sua gestão – para muitos, McNamara seria o melhor deles.

Destarte, a racionalidade ao extremo levaria a burocracia governamental, sem viço, a revigorar-se, de sorte que ela pudesse ser mais eficiente no curto

prazo. Assim, os Estados Unidos finalmente ganhavam a Guerra Fria.

Ao retirar-se do Departamento de Defesa, a possível redenção de McNamara poderia ter ocorrido à frente do Banco Mundial. No entanto, ele manteria o mesmo posicionamento concernente ao êxito da aplicação irrestrita em países periféricos de modelos dimensionados para as especificidades dos desenvolvidos.

Malgrado o fracasso destas políticas nos anos 60, a crença na eficiência ampla da tecnocracia perdura, com milhares de servidores públicos e funcionários do setor privado debruçados em várias quantidades de modelos e fórmulas com o objetivo de assegurar o êxito da política externa dos Estados Unidos, sem importar-se com os custos humanos e ambientais da sua execução. Para tanto, basta acompanhar o andamento das duas investidas militares na Ásia.

Não se pode esquecer de que o próprio McNamara em suas memórias – *In Retrospect: The Tragedy and Lessons of Vietnam*, publicado em 1995 – reconhece o fracasso, ainda que ele tivesse sido guiado em sua perspectiva por motivos justos.

Contudo, a alegação de que não havia expertos em sudeste asiático para alertar sobre um eventual fracasso não se sustenta. Basta citar um dos ‘melhores e mais brilhantes’: George Ball, diplomata e na época titular da Secretaria de Assuntos Econômicos e Agrícolas do Departamento de Estado.

Além dele, Paul Kattenburg, também membro da carreira diplomática e doutor em relações internacionais por Yale, que havia previsto a tragicidade de uma futura guerra naquela região.

Ainda assim, a obra do ex-Secretário de Defesa seria um *mea culpa* ofertado aos norte-americanos, principalmente aos veteranos daquele confronto. A extensão da culpa se projetaria no documentário *The Fog of War: Eleven Lessons from the Life of Robert S. McNamara*, de 2003, de Errol Morris.

Recebido em 13/08/2009
Aprovado em 17/08/2009

Resumo: o artigo trata da biografia de Robert McNamara, falecido em julho de 2009. Ele foi Secretário de

Defesa durante a gestão de John Kennedy e Lyndon Johnson. Nesse sentido, ele foi um dos responsáveis pelo fracasso da Guerra do Vietnã.

Abstract: the article deals with the Robert McNamara's biography, deceased on July 2009. He served as Defense Secretary for John Kennedy and Lyndon Johnson,

and he was considered one of the persons responsible for the failure of the Vietnam War.

Palavras-chaves: Estados Unidos; Robert McNamara; Guerra do Vietnã

Key words: United States; Robert McNamara; Vietnam War

